



Universidade de Brasília

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

A REGÊNCIA DO VERBO IR DE MOVIMENTO



NA COMUNIDADE DE ALEGRE, MUNICÍPIO DE COROMANDEL (MG).

LUIZ GUSTAVO SILVA BARBOSA

BRASÍLIA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LINGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS- LIP

**A REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTO IR NA COMUNIDADE DE
ALEGRE, MUNICÍPIO DE COROMANDEL (MG).**

Luiz Gustavo Silva Barbosa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de LICENCIADO EM LETRAS.

ORIENTADOR: Professora Doutora Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues

BRASÍLIA, 2013

Dedico este trabalho à minha mãe, pela herança de amor ao mundo das Letras; ao meu pai, grande incentivador de meus estudos; à minha esposa Andréia, pela paciência e carinho; e ao meu filho Davi, por esperar-me à noite, todos os dias, ansioso de saudades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora orientadora Dra. Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues pelos conhecimentos, pela dedicação, pela paciência, pela empolgação e por tornar a Sociolinguística tão apaixonante.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO, 06

II. REVISÃO DA LITERATURA, 07

III. METODOLOGIA, 14

IV. ANÁLISE DE DADOS, 19

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS, 43

VI. BIBLIOGRAFIA, 46

I. Introdução

A Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamentos linguísticos observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Aliada aos estudos gramaticais, essa área da linguística possibilita compreender como se dão as relações que as palavras desempenham quando inseridas num contexto linguístico, semântico ou social.

Os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem nas comunidades de falas são primordiais na Sociolinguística. Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (cf. Labov, 1972). Dessa forma, para os sociolinguistas, nas comunidades de fala, frequentemente existirão formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas ao mesmo tempo) e em concorrência (quando duas formas concorrem). Daí ser a Sociolinguística Variacionista, também, denominada de *Teoria da Variação*.

As formas em variação recebem o nome de "variantes linguísticas". Tarallo (1986) afirma que "*variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística*". Essas variáveis subdividem-se em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar, como no objeto do presente trabalho: a regência do verbo *ir* de movimento. As variantes seriam então as formas que estão em competição: o uso das preposições na fala. O uso de uma ou outra variante é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) ou sociais (extralinguísticos) e até mesmo semânticos. Tais fatores constituem as variáveis explanatórias ou independentes.

A regência de verbos com sentido de movimento ou sentido estático refere-se à relação que tais verbos estabelecem com os complementos que os sucedem. Segundo a tradição gramatical, os verbos de sentido estático são regidos pela preposição *em*. Verbos de movimento, em especial *ir* e *vir*, quando se relacionam em construções em que o referencial é um locativo, possuem regra clara quanto ao uso da preposição. O verbo *vir* deve estar sempre acompanhado da preposição *a*. Quanto ao verbo *ir*, devem ser empregadas em sua regência

as preposições *a* e *para*. A preposição *a* possui a característica semântica de ida com previsão de volta, enquanto a preposição *para* denota ida e permanência.

A língua falada no Brasil, por sua vez, faz uso massivo da preposição *em*, utilizada, principalmente, quando se refere a um locativo definido, fechado ou determinante (acompanhado de artigo definido ou pronome). Esse uso preponderante configura-se como um modo de variação linguística, ou seja, um conjunto das diferentes realizações linguísticas entre falantes de uma mesma língua.

Os estudos sobre a regência do verbo *ir* produzidos por Mollica (1996), Vieira (2010) e outros, constataram que o uso da preposição “em” é predominante na fala de indivíduos com menor nível de escolaridade, como também por crianças e jovens, em maior contraste com pessoas acima dos 50 anos, que têm preferência pelas preposições “a” e “para”.

Neste trabalho, pretende-se apresentar resultados parciais de análise quantitativa que apontam fatores linguísticos e extralinguísticos condicionadores da regência dos verbos de movimento “ir” e “vir”, sobretudo sob o enfoque da variação diamésica, que trata das diferenças de planejamento na formulação da língua falada e da língua escrita. O objetivo é pesquisar as variantes sociais e linguísticas relacionadas à regência dos verbos de movimento “ir” e “vir”, especificamente num pequeno povoado chamado Alegre, no município de Coromandel em Minas Gerais, a 600 quilômetros da capital Belo Horizonte. Esse povoado, com apenas 27 casas e cerca de 180 moradores, encontra-se isolado, a uma distância de 45 quilômetros de qualquer perímetro urbano, com economia absolutamente agrícola e minerária e população com baixo nível de escolaridade. Poucos são os registros e documentos sobre sua história ou fundação, mas é possível afirmar que o vilarejo encontra-se em franca decadência desde a década de 70, quando chegou a possuir mais de mil habitantes, tendo sido o segundo maior colégio eleitoral do município de Coromandel.

As entrevistas para o desenvolvimento do presente estudo, baseadas em variáveis extralinguísticas sociais de escolaridade e idade e em variáveis extralinguísticas semânticas, foram feitas com o intuito de discutir a hipótese de Castilho (2010) de que a preposição *a* regida pelos verbos de movimento encontra-se em desuso, ou mesmo extinta na fala dos habitantes dessa região. Outros objetivos pertinentes são trabalhados no presente estudo, como comparar a fala dos habitantes com os estudos principalmente de Mollica (1986) e Vieira (2008) sobre a influência que o uso variável de preposições que regem verbos de movimento sofre devido ao tipo de locativo e grau de definitude. Além disso, procura-se observar a variável linguística relacionada ao tempo verbal expresso pelos verbos de

movimento e também analisar o provável uso de outras formas de regência nas diversas circunstâncias de fala.

II. Revisão da literatura

Bagno (2007) ressalta que a língua é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável e instável. É um processo permanente e infinito e, acima de tudo, é uma atividade social, um trabalho coletivo feito por todos os falantes sempre que fazem uso da escrita ou da fala. Esse é o estado natural das línguas. As gramáticas normativas, em geral, fazem uma apresentação anacrônica da língua, desvinculada dos usos reais contemporâneos, espontâneos, característicos dos estilos falados menos monitorados. Para o autor, o principal objetivo da sociolinguística é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. É impossível estudar a língua sem estudar o contexto da sociedade em que ela é empregada. Outra importante contribuição de Bagno para o presente trabalho está no estudo dos traços graduais e traços descontínuos da língua. Ambos são variantes da chamada norma culta, mas nessa distinção interfere outro fator social, o do estigma e preconceito. Os traços graduais são aqueles já absorvidos pelo vernáculo geral dos falantes, independentemente de origem social, regional, etc., como a queda do fonema [w] no ditongo “ou”. Os traços descontínuos aparecem, principalmente, na fala de brasileiros de origem social humilde, de pouca ou nenhuma escolaridade, de antecedentes rurais, sendo aqueles fenômenos linguísticos os que mais sofrem discriminação pelas pessoas que imaginam portar a língua certa.

É nesse contexto que Basso e Ilari (2009) citam as principais formas de variação existentes. A variação diacrônica, que ocorre no decorrer do tempo; a variação diatópica, que ocorre por motivos geográficos como os sotaques diferentes de um gaúcho e um pernambucano; a variação diastrática, a grande diferença do português falado pela parte mais escolarizada e o português dos menos escolarizados, uma das principais variações estudadas nessa pesquisa. Essa variação subpadrão possui uma gramática própria que possibilita a comunicação eficaz, mas que recebe estigma por se basear na fala e não na escrita da língua da escola. Nesse contexto, entramos na variação diamésica, que estuda as diferenças entre fala e escrita, sobretudo quanto ao planejamento da comunicação e ao peso que textos escritos têm na formulação de modelos para a atividade linguística, relegando a fala injustamente a um papel menor.

A língua é formada por regras categóricas e regras variáveis, que não tem a ver com regras da gramática normativa. Regras categóricas são obrigatórias, como a ordem do determinante antes do nome. A regra variável apresenta mais de uma possibilidade de realização, mas que não ocorrem aleatoriamente, elas são inerentes a fatores contextuais internos ou externos, motivações sociais como classe social, idade, escolarização e sexo.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), essas escolhas linguísticas são explicadas pelo conceito de competência comunicativa, da qual o falante se utiliza para monitorar o estilo de sua fala dependendo do contexto e do papel social que assume. Labov (apud Monteiro, 2002) distingue as regras variáveis por terem uma função comunicativa (estilística, expressiva ou enfatizadora), ao passo que as regras invariáveis não têm essa função, servindo apenas para facilitar a expressão das seleções já realizadas. Labov afirma que, para definir-se uma variável linguística é necessário definir o número de falantes, a multiplicidade dos contextos em que ela aparece e então elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis. Portanto, a variação é fator indispensável para se atribuir valores sociais às regras linguísticas porque os falantes não aceitam facilmente o fato de que duas expressões distintas signifiquem exatamente a mesma coisa, havendo então uma forte tendência a conferir-lhes significados diferentes (Monteiro, 2002).

No presente trabalho, as variáveis pesquisadas são idade e escolaridade. Segundo Naro (2003), a variável idade possui uma hipótese clássica de que o processo de aquisição da língua se encerra na puberdade, aproximadamente aos 15 anos, permanecendo estável ao longo da vida. Outra hipótese prevê que o sistema linguístico se transforma devido a forças externas, como efeitos do mercado de trabalho, que pressionam pelo uso da variante padrão. Naro (2003) afirma que pessoas idosas falam como se falava antes, enquanto os jovens acolhem as mudanças que foram generalizadas posteriormente. Labov (2008) aponta que os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes na mesma comunidade de fala.

Segundo Monteiro (2008), a variável classe social no Brasil é observada com dificuldade, pois existe uma minoria de uma classe mais elevada, enquanto os demais se dividem em classe média e baixa com inúmeras variáveis intervenientes entre elas. Portanto, um fator que pode sobrepor-se na pesquisa sociolinguística é a escolaridade. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou têm influência em seu repertório sociolinguístico. Para Scherre e Paiva (1999), a escolarização continuada, refinando a consciência linguística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes linguísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva.

Monteiro (2008) faz uma observação quanto ao desenvolvimento natural da língua em que, havendo duas ou mais formas de se transmitir uma dada informação, configure-se uma espécie de conflito em que a forma mais antiga e conservadora, a variante de prestígio, pode terminar sendo substituída pela mais recente, inovadora e a princípio estigmatizada. É o que

ocorre hoje, por exemplo, a nível morfossintático na formação do plural dos sintagmas nominais, em que a redundância do plural em todos os termos foi abandonada até por muitos falantes com grande conhecimento da norma padrão.

De acordo com Cunha e Cintra (2001), acredita-se que para se analisar as relações preposicionais com ideia de movimento é importante levar em conta um limite, em referência ao qual o movimento terá, podendo ser aproximação ou afastamento. A preposição *a* apresenta valor de movimento no espaço, no tempo e na noção. Essa preposição, demonstrando movimento no espaço, deve ser usada em qualquer situação em que ocorra direção a um limite. A preposição *para*, quando tem valor de movimento, é empregada como tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se da preposição *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre o término do movimento. O uso da preposição *em* somente tem valor de movimento quando supera um limite de interioridade, ou alcança uma situação dentro do espaço, tempo ou noção. Essa definição e os exemplos apresentados na gramática não abrangem o uso da preposição *em* regida pelos verbos de movimento *ir* e *vir*.

Para Cegalla (1989) as preposições são, em síntese, conectivos subordinativos, antepõem-se a termos dependentes e estabelecem entre os termos das orações as mais diversas relações. O autor, em sua gramática, diz que os verbos *ir* e *vir* têm a regência do verbo *chegar*. Esse verbo, na língua culta, possui o adjunto adverbial de lugar regido pela preposição *a*. Ele admite que a preposição *em* é aceitável na linguagem coloquial. Obviamente, ocorre equívoco na simples equiparação de regência entre os verbos *ir* e *vir* e o verbo *chegar*, pois a preposição *para* não pode ser introduzida na regência de *chegar* como verbo de movimento, enquanto para os verbos *ir* e *vir* ela é recomendada em casos específicos como exposto por Cunha e Cintra (2001).

Castilho (2010) aponta que os verbos de movimento/direção envolvem o deslocamento da figura em direção a um ponto de referência, sendo a figura representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao ponto de referência. Importante ressaltar que Castilho não identifica a diferenciação que as demais gramáticas fazem entre o uso de *a* e *para*, quando dizem que *para* é usado somente como “deslocamento que implica retorno”.

O autor também trata do desaparecimento de preposições e aponta fatores filológicos para explicar o processo de extinção da preposição *a* no português brasileiro. Quando uma preposição é substituída por outra, ambas convivem por algum tempo até que uma delas desapareça. Esse é o grau zero da gramaticalização das preposições, no caso de *a* estar sendo

substituída por *para* e *em*. A substituição de *a* por *para* representa uma regramaticalização pois *a* provém do latim *ad*; reforçada por outra preposição latina *per*, donde *perad* > português arcaico *pêra* > português moderno *para*. Segundo Castilho, o desaparecimento progressivo de *a* deve explicar dificuldades atuais como quanto à crase e a transitividade de verbos como “agradecer”, que de transitivo indireto caminha para transitivo direto. No caso de *em*, em processo de substituição por *ni*, tem-se um processo de regularização morfológica, pois existe uma forma de base, composta pelo ditongo nasal e das formas amalgamadas *no*, *na*, *num*, *numa* de que *ni* representa uma sorte de neutralização da categoria de gênero, o que, segundo Castilho, representa quase um atestado de óbito para a preposição *a*.

Bechara (2009) não dispensa grande atenção à regência dos verbos de movimento e possui posição mais conservadora. Brevemente, aponta a função da preposição *a* como termo de movimento e extensão e num determinado exemplo afirma que o verbo *ir* pede a preposição *a*. Quanto à preposição *em*, o autor diz que ela pode ser empregada como lugar para onde se dirige um movimento em sentido próprio ou figurado, como em “saltar em terra”, mas, logo abaixo, afirma que a língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *ir*, *vir* e *chegar*, preferindo-se a preposição *a*. Bechara cita o uso da preposição *para* como termo de movimento, direção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino, mas denota apenas “o lugar onde” em construções do tipo: *Ele está agora para o norte*.

Bagno (2000) sai em defesa do uso livre das preposições *em/para/a* regendo o verbo de movimento *ir*. Ele discorre sobre a desmistificação da diferença dada pela Gramática às preposições *a* e *em*, comprovando que desde os tempos do indo-europeu, passando pelo latim, as preposições *ad* e *in* tinham a mesma função de indicar tanto repouso quanto movimento. No período de constituição da norma padrão portuguesa, ocorreu uma tentativa de delimitar o uso dessas preposições, reservando-se a preposição *a* para indicar movimento, direção, destino, enquanto a preposição *em* ficaria reservada para indicar repouso, situação, localização. A pesquisa histórica demonstra que a fala não deve ter acompanhado a escrita nesse sentido, pois uma pequena parcela da população era alfabetizada e as possessões ultramarinas de Portugal à época, do Brasil, passando por Angola, até Goa, possuem hoje amplo uso da preposição *em* acompanhando o verbo *ir* de movimento, sendo um traço gradual atual em todas as camadas da sociedade.

Bagno também procura levantar hipóteses sobre o crescente declínio da preposição *a*, como a mesma realização fonética do artigo feminino *a* ou do verbo *há*. Para eliminar eventuais dificuldades causadas pela existência de três itens gramaticais com igual pronúncia,

o português do Brasil preserva o artigo *a*, substitui o verbo *há* por *tem* e a preposição *a* por *em* ou *para*.

Vieira (2010) cita em seu trabalho algumas pesquisas que comprovam a influência dos fatores sociais no uso das preposições *em*, *a* e *para* com o verbo *ir*. Mollica (1996) identificou que o tipo de locativo e o grau de definitude influenciam nessa escolha, locativos mais fechados e referentes conhecidos (com uso de artigos definidos e pronomes) favorecem a preposição *em*, enquanto locativos abertos e referentes menos determinantes favorecem as preposições *a* e *para*. A autora, contrastando o uso de *a/para* e de *em*, formulou a hipótese de que quanto mais definido o referente, mais chance de ser regido por *em*, já que indica lugar de movimento conhecido do falante; por outro lado, quanto mais indefinido, vago e/ou impreciso for o referente locativo, tanto maior a chance de ocorrer *a/para*, onde apenas a noção de movimento está presente. Mollica (1996) comprova que quanto maior a escolarização, maior o uso das formas padrão *a* e *para*. Também estuda a variante idade, constatando que os jovens tendem a usar mais a preposição *em* enquanto as pessoas com mais de 50 anos preferem *a* ou *para*. Quanto a variável sexo, a pesquisa de Mollica não aponta variações relevantes. Pesquisando em outras regiões do país, Vallo (2005) ratifica essas conclusões e Wiedemer (2008), além de atestar as constatações de Mollica, também investiga o fator social da idade.

Partindo desses pressupostos teóricos, Vieira utiliza amostras de falas retiradas do banco de dados VARX de Pelotas-RS na pesquisa da influência das variáveis sociais idade e ocupação e da variável linguística grau de definitude e de determinação do locativo na emergência da variante com a preposição *em*.

A primeira pesquisa, referente ao grau de definitude e de determinação do locativo, mostrou-se bem próxima aos resultados obtidos por Mollica (1996), que apontam para o fato de que o locativo, quando se refere a um lugar determinado, favorece o uso da preposição *em* e que o locativo indeterminado (sem artigo definido ou pronome) o desfavorece, provando uma relação semântica na escolha da preposição. Após essa constatação, foi analisada pela autora a abrangência dessa variação em relação aos fatores extralinguísticos, como: a ocupação (manual, técnica e intelectual), dos habitantes de Pelotas. Nesta análise, percebe-se que aqueles que exercem ocupação manual e que, depreende-se, possuem menor escolaridade tendem a usar mais a preposição *em*, enquanto aqueles com ocupação intelectual favorecem o uso padrão de *a/para*. Outro fator selecionado para a análise durante a pesquisa foi o fator idade. Neste, a autora constatou que os mais jovens usam mais a variante *em*, enquanto os mais velhos preferem as variantes *a/para*.

Como fatores sociais em geral não se comportam independentemente uns dos outros, Vieira decide verificar o cruzamento das variáveis idade e ocupação. Comprovou-se que independente da idade, o uso da preposição *em* diminui em função da ocupação intelectual exercida pelo indivíduo, enquanto na ocupação manual a idade determina o maior uso (jovens, 62%) ou menor uso (+ 50 anos, 28%).

Conclui-se que há condicionamentos linguísticos e extralinguísticos atuando na seleção da preposição no verbo *ir*. Também é notório que a escolha de uma ou outra preposição está relacionada tanto a traços semânticos do locativo e do verbo quanto da preposição.

Mollica (1996), em sua pesquisa sobre a regência variável do verbo *ir* de movimento, constata que na fala carioca, os empregos das preposições *a/para* em contraste à preposição *em*, ocorrem em situações específicas, como: variedade padrão e não padrão da língua; construções especiais da preposição *em*, que reforçam o sentido do verbo *ir*.

Além de reforçar o sentido do verbo *ir*, a preposição *em* conota também o sentido de estar dentro. Logo, sua construção é mais provável em estruturas com os locativos de traços mais fechados. Em relação à definitude do referente, a preposição *em* mostra-se mais recorrente quando o referente tem o traço mais definido. Por sua vez, em construções com o referente menos definido, utilizam-se mais as preposições *a/para*.

Segundo Farias (2006), o comportamento léxico-sintático das preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento/localização como *ir* constitui um caso de variação entre as gramáticas do PB e do PE. Esta variação tem como *locus* a preposição *em*, preposição considerada gramatical em PB, e agramatical em PE.

Para o autor, o fenômeno variacional tem a ver com as propriedades lexicais advindas dos núcleos dos predicadores V+P. Contudo, ressalta que esse fenômeno não deve ser considerado como uma variação linguística nos moldes de Labov, pois as diferentes realizações das preposições constituem estruturas sintáticas distintas, já que existem restrições seletivas quanto à subcategorização tanto do DP complemento de P, como também de P em função de contexto estrutural dado.

Wiedemer (2009), em seu estudo sobre regência variável do verbo *ir* na fala catarinense, destaca a importância de relacionar fatores como: configuração do locativo, pessoa do discurso e tempo-modo-verbal; à pesquisa sobre o emprego das preposições, pois estas em concomitância ao verbo *ir* projetam uma relação sintático-semântica específica. Verifica-se assim que o locativo identificado como espaço geográfico favorece *a/para* e desfavorece *em*; a preposição *em* é favorecida em contexto de lugar / instituição personificada

(ou não), porém o fator lugar / objeto condiciona o uso de *em* e inibe o uso de *a*, mostrando-se indiferente ao uso da preposição *para*.

III. Metodologia

A língua é formada por regras categóricas e regras variáveis, que não tem a ver com regras da gramática normativa. Regras categóricas são obrigatórias, como a ordem do determinante antes do nome. A regra variável apresenta mais de uma possibilidade de realização, mas que não ocorrem aleatoriamente, elas são inerentes a fatores contextuais internos ou externos, motivações sociais como classe social, idade, escolarização e sexo. Labov (2008) distingue as regras variáveis por terem uma função comunicativa (estilística, expressiva ou enfatizadora), ao passo que as regras invariáveis não têm essa função, servindo apenas para facilitar a expressão das seleções já realizadas. Labov afirma que, para definir-se uma variável lingüística é necessário definir o número de falantes, a multiplicidade dos contextos em que ela aparece e então elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis. Portanto, a variação é fator indispensável para se atribuir valores sociais às regras lingüísticas porque os falantes não aceitam facilmente o fato de que duas expressões distintas signifiquem exatamente a mesma coisa, havendo então uma forte tendência a conferir-lhes significados diferentes (Labov apud Monteiro, 2002).

Este trabalho baseia-se no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa proposta por Labov (2008). A natureza empírica se liga ao fato de que, sendo uma ciência social, a sociolinguística depende da observação do comportamento do homem. Desta forma, a pesquisa foi realizada por meio de pesquisa de campo, baseada no suporte teórico-metodológico da Sociolinguística laboviana que analisa as variações ocorridas na língua decorrentes de variantes lingüísticas e/ou sociais (TARALLO, 1985).

A natureza da presente pesquisa é observar a evolução do uso da preposição “em” na regência dos verbos ir e vir de movimento num pequeno povoado do interior de Minas Gerais, partindo dos estudos de Mollica e Vieira, que buscaram comprovar que fatores como grau de definitude e configuração de espaço influenciam na escolha da preposição. Além disso, a pesquisa procura identificar indícios de que a preposição *a* encontra-se em franco desuso, até mesmo em processo de extinção, na língua falada dessa comunidade.

Devido ao estudo das preposições que regem um verbo ser fundamentalmente sobre as diferenças entre a língua falada e a língua escrita, aquilo que a gramática normativa prega, o âmbito deste trabalho é a variação diamésica, que estuda os processos de produção do texto escrito e da oralidade, em especial quanto ao planejamento em tempo real do discurso da fala e à maior tolerância ao uso de variantes não-padrão.

O tipo de coleta de dados foi a narrativa de experiência pessoal, pois nas entrevistas foi seguida a recomendação de Labov (2008) de levar o informante a relatar experiências

vividas. A narrativa pessoal constitui um gênero que normalmente leva o falante a envolver-se emotivamente, o que torna o discurso espontâneo. Segundo Tarallo (1997):

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguístico procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informantes desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. (*ibidem*, p. 23)

Também adotamos uma postura de acordo com Bortoni-Ricardo (2005) em que o falante deve se acomodar ao ouvinte pelos processos intersubjetivos de construção de significado. Dessa forma, a linguagem usada pelo pesquisador foi simples, com sotaque e variações propositais, próxima à dos entrevistados, para que eles se sentissem o mais confortáveis possível.

As entrevistas foram feitas com o auxílio de gravador de áudio, sempre na residência do entrevistado, tentando se evitar ao máximo o que Labov chama de *paradoxo do observador*, pois o que se pretende é registrar como as pessoas falam espontaneamente quando não estão sendo observadas por um entrevistador, contudo, a presença deste pode afetar o estilo de fala do entrevistado. Os dados foram selecionados após a transcrição dos registros fônicos e estatisticamente avaliados. O tratamento estatístico nas pesquisas sociolinguísticas serve para verificar com que frequência cada fator pode interferir nas escolhas feitas pelos falantes, porque se leva em consideração o resultado dos cálculos do uso das variantes e o peso relativo de cada um. Esta quantificação das ocorrências de cada variante é que faz com que a linha de pesquisa também seja conhecida como *Sociolinguística Quantitativa*.

No presente trabalho, as variáveis pesquisadas são idade e escolaridade. Segundo Naro (2003), a variável idade possui uma hipótese clássica de que o processo de aquisição da língua se encerra na puberdade, aproximadamente aos 15 anos, permanecendo estável ao longo da vida. Outra hipótese prevê que o sistema linguístico se transforma devido a forças externas, como efeitos do mercado de trabalho, que pressionam pelo uso da variante padrão. Naro afirma que pessoas idosas falam como se falava antes, enquanto os jovens acolhem as mudanças que foram generalizadas posteriormente. Labov (1994) aponta que os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes na mesma comunidade de fala. A mudança da língua em vista do fator idade é o que Labov denomina de mudança geracional, em que o comportamento do indivíduo é estável contrastando com a instabilidade da comunidade com o passar do tempo. Quanto a esta variável, o autor aconselha uma

metodologia de observação de dois estados de língua dentro de um determinado período de tempo. Neste estudo, a coleta dos dados ocorreu num único momento e a análise do fator idade será feita numa comparação entre a fala das crianças e a fala de indivíduos acima de 60 anos, denominada de análise em tempo aparente.

A outra variável observada no estudo é a escolarização. Segundo Scherre e Paiva (1999), no Brasil a escolarização é um dos principais fatores que moldam a heterogeneidade da língua, pela exclusão de grande parte da população ao acesso à educação de qualidade, o que daria acesso ao uso de variantes linguísticas prestigiadas. Estudos sociolinguistas defendem que o grau de escolaridade interfere na escolha da preposição a ser usada na regência do verbo *ir*. Segundo esses estudos, como Mollica (1996) e Vieira (2010), quanto maior a escolaridade, maior é a chance da preposição “a” aparecer na fala do entrevistado.

As variáveis linguísticas foram selecionadas através da observação do fenômeno variacional de construções dos verbos de movimento *ir* e *vir* relacionados às preposições *a*, *para* ou *pra* (fenômeno de supressão da vogal *a*), e a preposição *em*, e em suas ocorrências coligadas aos artigos, como *no* e *na*, que se conectam aos locativos. Nesse sentido, adotaremos como fundamentações teóricas os estudos de Mollica, Vieira e Farias, quando esses constatam que o uso da preposição *em*, em detrimento ao uso das construções *a* e *para*, é decorrente de uma relação semântica específica entre o locativo e a preposição, em concomitância à interface social do fenômeno lingüístico, em que se relacionam fatores como escolaridade, idade, gênero, etc. Outro fator a ser analisado é a progressiva extinção da preposição *a* da fala coloquial, de acordo com Castilho (2010).

Os dados foram coletados no povoado Alegre, comunidade predominantemente rural, localizado no município de Coromandel, no estado de Minas Gerais. O povoado é composto por cerca de 30 casas. Entre elas está a tradicional praça com uma igreja e a quadra de esportes. Alegre está situado quase às margens do rio Paranaíba, num trecho não navegável, o que aumenta ainda mais o distanciamento dessa comunidade. A cidade mais próxima é Coromandel, há 45 quilômetros de distância. Essa comunidade é o maior exemplo da decadência proveniente do êxodo rural no município. Na década de 70, impulsionada principalmente pelo café, arroz, gado leiteiro e mineração de diamantes, o Alegre se tornou distrito e possuía mais de mil habitantes, sendo o segundo maior colégio eleitoral de Coromandel. Hoje, apenas 180 moradores moram no lugar. Os mais velhos vivem do saudosismo. A monotonia do lugar só é quebrada nos meses de janeiro, quando ocorre a tradicional Festa de Santos Reis, com a famosa folia. No sábado, a comunidade chega a

receber 7 mil pessoas. Durante a festa, é tradição que a comida seja servida de graça para todos.

Os dez informantes foram selecionados entre as faixas etárias de crianças e adultos, como também por escolaridade. As narrativas foram coletadas através de gravações de áudio. Os dados dos personagens e as gravações analisadas são expostos abaixo:

Entrevistados:

Denis, 30 anos, ensino médio incompleto.

Augusto, 45 anos, ensino primário.

Clenilce, 28 anos, ensino médio completo.

Geraldo, 60 anos, semianalfabeto.

Margarida, esposa do Geraldo, 60 anos, ensino fundamental.

José Lucas, filho do Denis, 8 anos, cursa o ensino primário na escola da vila.

Natália, 9 anos. Ensino primário.

Denner, Filho da Clenilce, 12 anos, cursa o ensino fundamental na cidade.

Sr. José Marruco, 88 anos, analfabeto, o morador mais velho da comunidade.

Sra. Dirce, 77 anos, esposa do Sr. José, ensino primário.

Transcrições analisadas:

Denis:

Fui lá no Geraldo.

Eles foi pro Coró. (Coromandel).

Aquele lá vai pro Berlândia agora.

Augusto:

Vô ali buscá uma caixa d'água ali no Abacaxi. (ponto de ônibus)

Tem que ir na carreta né?

Fui lá na escola.

Tem que ir lá na caixa d'água e ver.

Ela vinha de Lagamar de Patos.

Aquele lá vai pra Uberlândia.

Vai lá em casa só pra buscar comida.

Veio uma irmã minha pro Alegre.

Eu queria era ir lá pra fazenda acabar aquilo lá. (aquele serviço).

Clenilce:

Fui lá pro hotel, prum banheiro.

Vou lá no hotel.

Lembro de ir lá pra pracinha.

Eu ir pra lá pro hotel.

Vou lá na casa da sua mãe.

Minha sobrinha queria vim direto era pra roça.

Geraldo:

Daniel foi lá pra casa. (minha casa)

Fui lá no Seu João de noite.

Margarida:

Eu fui a missa.

José Lucas:

Fui pro meu avô.

Aí nós foi pro recreio.

Aí nós brinca, vai lá de fora da escola.

Natália:

Nóis vai na madrinha passear.

Aí depois eu vim pra cá pro Alegre.

Vou pra escola.

Ia lá no portão.

Denner:

Eu vou no banco da frente. (da kombi)

Aí meu pai passou no meio da casa, foi do canto, mirou nele (no lobo) e acertou.

Sr. José Marruco:

Ieu vim pra cá. (Alegre)

Ieu vô lá no seu Higino.

Vinha gente lá do Engenho Véio.

O povu foi imbora pru Berlândia.

Us mais veio foi pra lá prus fio estudá.

Nóis ia levar mantimento lá na bera do rio.

Pra ir pra Coromandel.

O caminhão ia pra Coromandel.

Dirce:

O minino vai vim aqui.

Quando eu vim pro Alegre.

IV. Análise dos Dados

Partindo dos princípios da Sociolinguística Quantitativa, as transcrições coletadas por gravações de áudio da fala de 10 participantes foram analisadas e as orações com o verbo *ir* de movimento foram catalogadas, separando-as, primeiramente, de acordo com a preposição utilizada. Os dados, também, foram quantitativamente analisados de acordo com variáveis linguísticas, como o tempo verbal empregado, e variáveis extralinguísticas, como tipo de locativo, grau de definitude, idade e escolaridade.

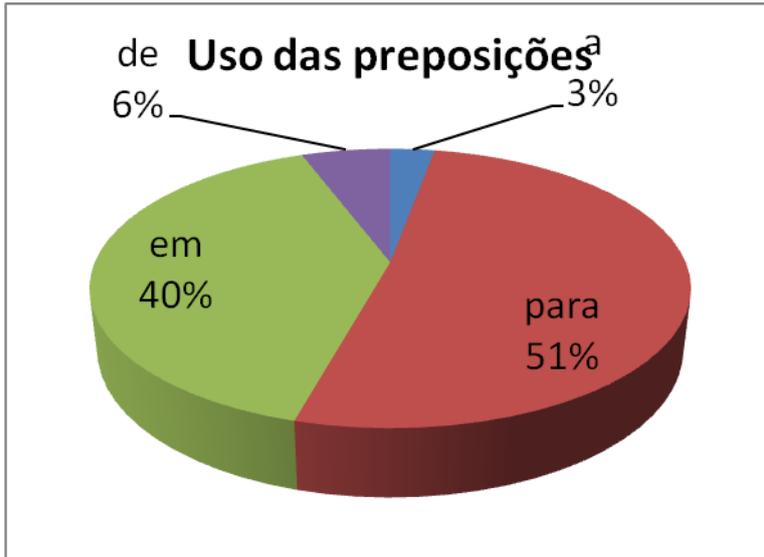
4.1. Dados linguísticos

4.1.1. Análise das preposições.

Nas transcrições das falas foram analisadas 35 orações com o verbo *ir*. A recorrência do uso das preposições foi dividido entre 4 variantes: *a*, *para* (*pra*, *pro*, *prum*), *em* (*no*, *na*) e *de*. Abaixo, apresenta-se tabela com o total de ocorrências envolvendo essas variantes, que foi organizada da seguinte forma:

USO DAS PREPOSIÇÕES			
PARA (19 orações)	EM (14 orações)	DE (2 orações)	A (1 oração)
Ele foi pro Coró.	Fui lá no Geraldo.	Nóis vai lá de fora da escola.	Eu fui à missa.
Aquele lá vai pro Berlândia.	Vô ali no Abacaxi.	Aí meu pai foi do canto.	
Aquele lá vai pra Uberlândia.	Tem que ir na carreta?		
Eu queria era ir lá pra fazenda.	Fui lá na escola.		
Fui lá pro hotel.	Tem que ir lá na caixa.		
Lembro de ir lá pra pracinha.	Vai lá na minha casa.		
Eu ir pra lá pro hotel.	Vou lá no hotel.		
Daniel foi lá pra casa.	Vou lá na casa da sua mãe.		
Fui pro meu avô.	Fui lá no seu João de noite.		
Aí nós foi pro recreio.	Nóis vai na madrinha passear.		
Depois vim pra cá pro Alegre.	Ia lá no portão.		
Vou pra escola.	Eu vou no banco da frente.		
Ieu vim pra cá pra Alegre.	Ieu vô lá no seu Higino.		
O povo foi embora pro Berlândia.	Ia levar mantimento lá na bera do rio.		
Os mais veio foi pra lá.			
Pra ir pra Coromandel.			
O caminhão ia pra Coromandel.			
Quando eu vim pro Alegre.			

Gráfico 1: Quantitativo do uso total de preposições.



De acordo com o gráfico, os dados demonstram a preferência do uso da preposição *para* de modo geral, sendo relevante, também, o uso da preposição *em*. As preposições *a* e *de* foram usadas de forma mínima pelos participantes, com 1 e duas ocorrências, respectivamente.

4.1.2. O uso das preposições de acordo com o tempo verbal.

Como as entrevistas foram feitas usando o método laboviano que recomenda aos entrevistadores a elaboração de perguntas que motivem nos informantes não só o recontar, mas, também, o reviver de suas experiências, a maior parte das transcrições analisadas, 17 orações, foram elaboradas no tempo passado. Todavia, há transcrições envolvendo, naturalmente, os outros tempos verbais, como se verá na sequência de subitens organizada para essa seção.

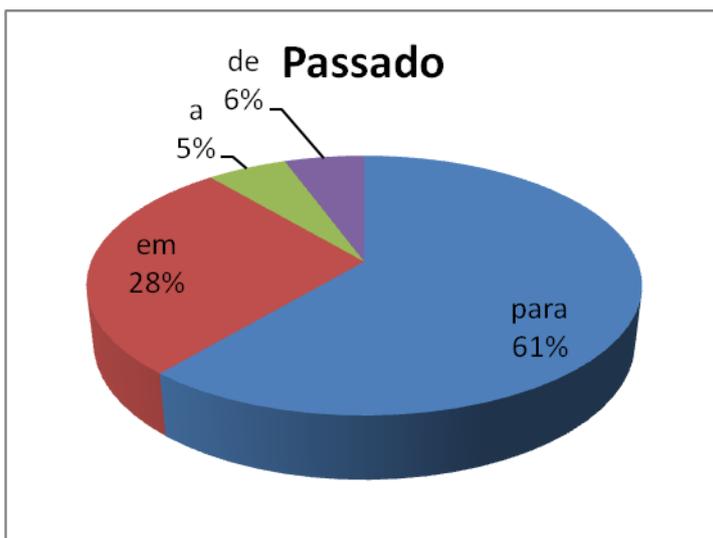
Na tabela a seguir, observam-se algumas realizações que empregam o tempo passado:

4.1.2.1 Uso das preposições no tempo passado.

PARA (11 orações)	EM (4 orações)	DE (1 oração)	A (1 oração)
Eles foi pro Coró.	Fui lá no Geraldo.	Aí meu pai foi do canto.	Eu fui à missa.
Fui lá pro hotel.	Fui lá na escola.		
Daniel foi lá pra casa.	Ia lá no portão.		
Fui pro meu avô.	Ia levar mantimento lá na bera do rio.		
Aí nós foi pro recreio.			
Aí depois eu vim pra cá pro Alegre.			
O povo foi embora pro			

Berlândia.			
Us mais veio foi pra lá.			
O caminhão ia pra Coromandel.			
Quando eu vim pro Alegre.			
Ieu vim pra cá pra Alegre.			

Gráfico 2: Quantitativo do uso de preposições no tempo passado.

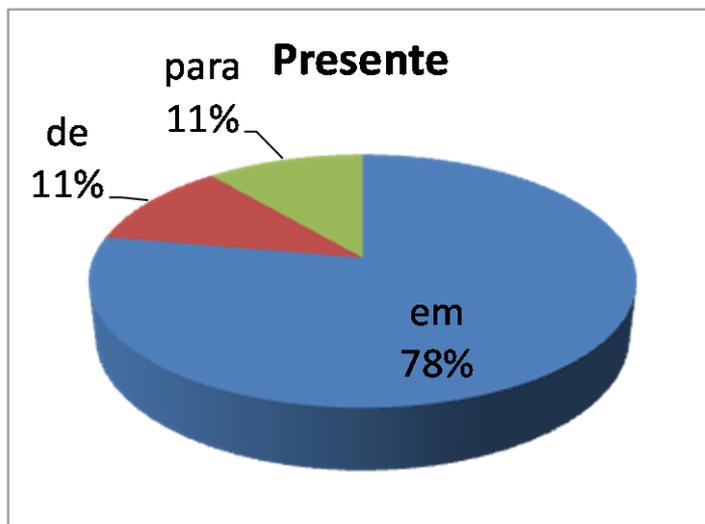


Percebe-se o uso predominante da preposição *para* no tempo verbal passado, característico principalmente na fala dos idosos, como será analisado nesse capítulo.

4.1.2.2. Uso das preposições no tempo presente.

PARA (1 oração)	EM (7 orações)	DE (1 oração)	A (0)
Vou pra escola.	Vô ali no Abacaxi.	Aí nós vai lá de fora da escola.	
	Vai lá na minha casa.		
	Vou lá no hotel.		
	Vou lá na casa da sua mãe.		
	Nóis vai na madrinha passear.		
	Eu vou no banco da frente.		
	Ieu vô lá no seu Higino.		

Gráfico 3: Quantitativo do uso de preposições no tempo presente.



O tempo verbal presente mostrou-se relacionado diretamente com o uso da preposição *em*. Tal fato pode ser explicado por se tratar de um tempo que denota semanticamente maior definição de espaço, na localização do falante e do locativo.

4.1.2.3. Uso das preposições no tempo futuro.

PARA (2 orações)	EM (0)	DE (0)	A (0)
Aquele lá vai pro Berlândia.			
Ele vai pra Uberlândia.			

Gráfico 4: quantitativo do uso das preposições no tempo futuro.



Devido ao método das entrevistas procurar reviver lembranças dos participantes, o tempo futuro foi pouco citado durante as transcrições. Nas duas orações elaboradas nesse tempo verbal, a preposição *para* foi utilizada. a escassez de dados nesse sentido não permite uma análise mais aprofundada.

4.1.2.4. Uso das preposições no infinitivo

PARA (4 orações)	EM (2 orações)	DE (0)	A (0)
Eu queria era ir lá pra fazenda.	Tem que ir na carreta?		
Lembro de ir lá pra pracinha.	Tem que ir lá na caixa.		
Eu ir pra lá pro hotel.			
Pra ir pra Coromandel.			

Gráfico 5: quantitativo do uso de preposições no modo infinitivo.



O modo infinitivo possui um traço semântico de foco no movimento em relação ao locativo, e não no locativo em si. Esse é um traço comum na fala dos mineiros, que merece estudo mais aprofundado, posteriormente.

4.2.3. Grau de definitude.

Dentro dos prováveis fatores extralinguísticos que podem atuar na seleção da preposição do verbo ir, o grau de definitude mostrou-se relevante nos estudos de Mollica (1996) e Vieira (2010). Para esses autores, o grau de definitude é expresso principalmente pelo uso de artigo definido ou pronome antes do locativo. No corpus do presente estudo, as orações com referentes mais definidos totalizaram 31 ocorrências, contra 4 com referentes menos definidos. É o que pode ser visto na tabela abaixo:

4.2.3.1 Uso das preposições com o grau mais definido.

PARA (12 orações)	EM (14 orações)	DE (1 oração)	A (1 oração)
Eles foi pro Coró.	Fui lá no Geraldo.	Aí meu pai foi do canto.	Eu fui à missa.
Aquele lá vai pro Berlândia agora.	Vô ali no Abacaxi.		
Eu queria era ir lá pra fazenda.	Tem que ir na carreta?		
Fui lá pro hotel.	Fui lá na escola.		

Lembro de ir lá pra pracinha.	Tem que ir lá na caixa.		
Daniel foi lá pra casa.	Vai lá na minha casa.		
Fui pro meu avô.	Vou lá no hotel.		
Aí nós foi pro recreio.	Vou lá na casa da sua mãe.		
Depois eu vim pra cá pro Alegre.	Fui lá no seu João de noite.		
Vou pra escola.	Nóis vai na madrinha passear.		
O povo foi embora pro Berlândia.	Ia lá no portão.		
Quando eu vim pro Alegre.	Eu vou no banco da frente.		
	Ieu vô lá no seu Higino.		
	Ia levar mantimento lá na bera do rio.		

Gráfico 6: Quantitativo do uso de preposições conforme o grau mais definido.



Interessante observar que todas as 14 orações que apresentaram a preposição *em* foram seguidas de um locativo mais definido, o que demonstra a vocação dessa preposição para reger o verbo *ir* quanto a locativos de maior conhecimento do falante.

4.2.3.2. Uso das preposições com o grau menos definido.

PARA (5 orações)	EM (0)	DE (1 oração)	A (0)
Aquele lá vai pra Uberlândia.		Aí nós vai lá de fora da escola.	
Ieu vim pra cá pra Alegre.			
Us mais veio foi pra Uberlândia.			
Pra ir pra Coromandel.			
O caminhão ia pra Coromandel.			

Gráfico 7: Quantitativo do uso de preposições conforme o grau menos definido.



Quando o locativo não se encontra acompanhado de artigo definido, a preposição *para* recebe a preferência de uso na regência do verbo *ir*. Vale ressaltar o registro de uma ocorrência com a preposição *de*, que pode ser explicada pelo movimento não ser em direção ao locativo, mas no sentido oposto a ele.

4.2.4. Configuração do espaço.

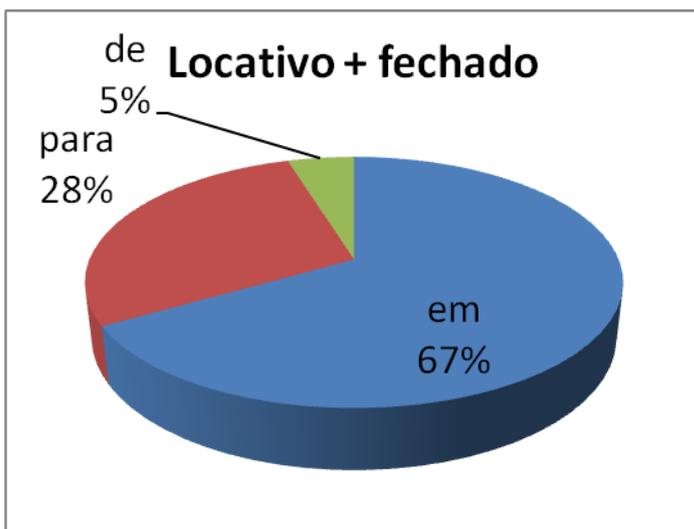
Outra variável extralinguística investigada neste estudo, a qual envolve o aspecto semântico das orações coletadas, é o tipo de locativo. Segundo Mollica (1996), locativos mais fechados, conhecidos do falante e de espaço bem limitado, favorecem a preposição *em*. Locativos menos fechados favorecem *a* ou *para*. 20 orações apresentaram locativos mais fechados. Vejamos nas tabelas e gráficos seguintes, organizados em subitens sequenciais, como esses dados ocorrem e são configurados dentro do *corpus* coletado:

4.2.4.1. Uso das preposições em locativos mais fechados.

PARA (5 orações)	EM (14 orações)	DE (1 oração)	A (0)
Fui lá pro hotel.	Fui lá no Geraldo.	Aí meu pai foi do canto.	
Eu ir lá pro hotel.	Vô ali no Abacaxi.		
Daniel foi lá pra casa.	Tem que ir na carreta?		
Fui pro meu avô.	Fui lá na escola.		
Vou para escola.	Tem que ir lá na caixa.		
Lembro de ir lá pra pracinha.	Vai lá na minha casa.		
	Vou lá no hotel.		
	Vou lá na casa da sua mãe.		
	Fui lá no seu João de noite.		

	Nóis vai na madrinha passear.		
	Ia lá no portão.		
	Eu vou no banco da frente.		
	Ieu vô lá no seu Higino.		
	Ia levar mantimento lá na bera do rio.		

Gráfico 8: Quantitativo do uso de preposições conforme locativo mais fechado.



Assim como nos locativos mais definidos, a preposição *em* sempre acompanha o locativo com grau semântico mais fechado nos dados coletados, corroborando a hipótese de Mollica (1996) quanto ao aspecto semântico de maior familiaridade entre sujeito e locativo denotada por essa preposição.

4.2.4.2. Uso das preposições com o locativo menos fechado.

PARA (12 orações)	EM (0)	DE (1 oração)	A (1 oração)
Eles foi pro Coró.		Aí nós vai lá de fora da escola.	Eu fui à missa.
Aquele lá vai pro Berlândia agora.			
Ele vai pra Uberlândia.			
Eu queria era ir lá pra fazenda.			
Aí nós foi pro recreio.			
Aí depois eu vim pra cá pro Alegre.			
Ieu vim pra cá pra Alegre.			
O povo foi embora pro Berlândia.			
Us mais veio foi pra lá.			

(Uberlândia)			
Pra ir pra Coromandel.			
O caminhão ia pra Coromandel.			
Quando eu vim pro Alegre.			

Gráfico 9: Quantitativo do uso de preposições conforme o locativo menos fechado.



Na análise dos dados, a preposição *em* não esteve ligada a nenhum locativo menos fechado. A única ocorrência da preposição *a* nessa variável está de acordo com a aplicação da gramática normativa. A preposição *para* demonstra mais uma vez sua vocação para coligar o verbo a locativos de menor conhecimento do falante.

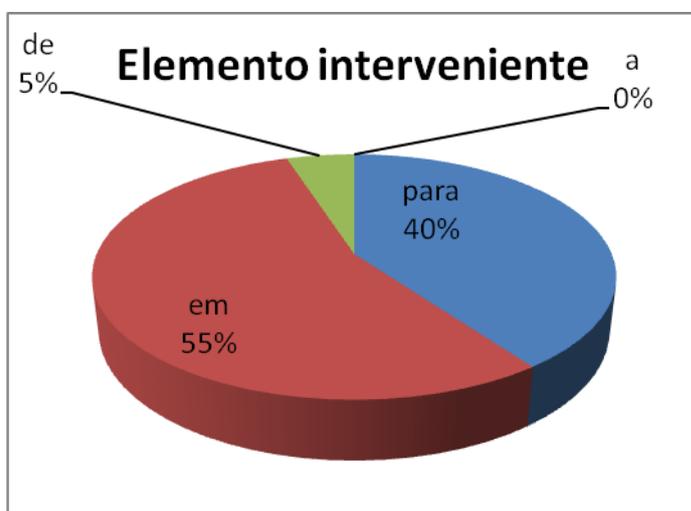
4.2.5. Elemento interveniente.

Apesar de a análise focar o uso de preposições, ela levantou outro dado linguístico evidente em 18 das 40 orações analisadas: o uso de advérbio de lugar (lá, cá) entre o verbo e a preposição, também ocorrendo em duas ocasiões antes do verbo. Vieira (2010) levanta a suposição de que a existência ou não de elemento interveniente entre o verbo e a preposição poderia condicionar a escolha dessa preposição. Ela parte da hipótese de que a ausência de elemento interveniente favoreceria o uso da preposição *a/para*, enquanto a presença de elementos intervenientes favoreceria o uso da preposição *em*. Nossas transcrições corroboram tal hipótese, pois os dados mostram que em 11 aplicações do advérbio se usou a preposição *em*, enquanto em seis foi usado *para* e em uma, *de*. O uso do advérbio de lugar junto ao verbo de movimento parece obedecer a razões semânticas, no sentido de dar maior contorno ou especificidade ao destino.

De acordo com a preposição do verbo, essas orações dividem-se em:

PARA (8 orações)	EM (11 orações)	DE (1 oração)	A (0)
Eu queria era ir lá pra fazenda.	Fui lá no Geraldo.	Aí nós vai lá de fora da escola.	
Fui lá pro hotel.	Vô ali no Abacaxi.		
Lembro de ir lá pra pracinha.	Fui lá na escola.		
Eu ir pra lá pro hotel.	Tem que ir lá na caixa.		
Daniel foi lá pra casa.	Vai lá na minha casa.		
Aí depois eu vim pra cá pro Alegre.	Vou lá no hotel.		
Eu vim pra cá pra Alegre.	Vou lá na casa da sua mãe.		
Us mais veio foi pra lá (pra Uberlândia).	Fui lá no seu João de noite.		
	Ia lá no portão.		
	Ieu vô lá no seu Higino.		
	Ia levar mantimento lá na bera do rio.		

Gráfico 10: Uso de elemento interveniente conforme a preposição.



A preposição *em* demonstra estar ligada à utilização do elemento interveniente, advérbio de lugar entre verbo e locativo. Em 80% do uso total de orações com essa preposição, constata-se o uso do elemento interveniente.

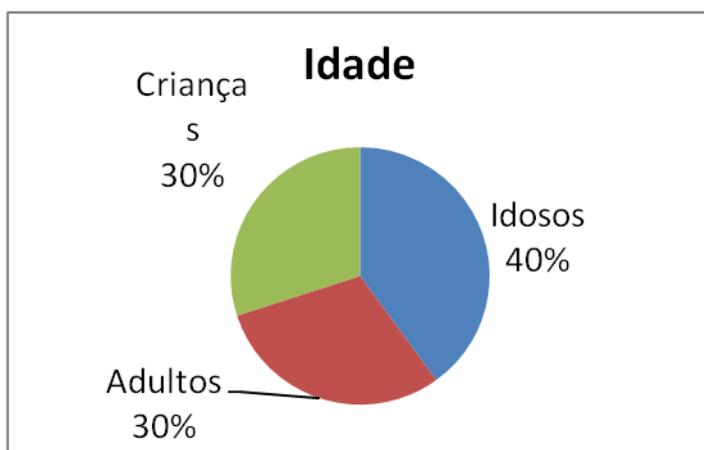
4.2. Dados Extralinguísticos

4.2.1. A variável idade.

Quanto à variável idade, dividimos os informantes em três categorias: 3 Crianças de até 12 anos; 3 adultos de 20 a 50 anos e 4 idosos acima de 60 anos.

Crianças	Adultos	Idosos
José Lucas	Denis	Geraldo
Natália	Augusto	Margarida
Denner	Clenilce	José Marruco
		Dirce

Gráfico 11: Quantidade de informantes conforme a variável idade:



Nessa variável, procurou-se selecionar a mesma quantidade de informantes em cada faixa etária, o que possibilita um mapeamento nivelado do uso das preposições no decorrer do tempo. O objetivo é comparar os dados coletados com as conclusões de Mollica (1996) quanto a esta variável.

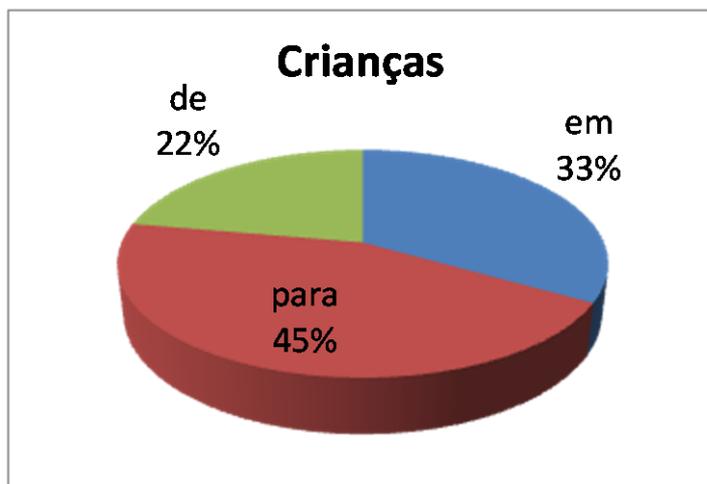
4.2.1.1. Uso das preposições pela variável idade.

Nesse item que tratará do fator condicionador idade, as cédulas serão divididas em crianças (4.2.1.1.1.), adultos (4.2.1.1.2.) e idosos (4.2.1.1.3.), como se apresenta nos parágrafos seguintes:

4.2.1.1.1. Crianças.

CRIANÇAS			
PARA (4 orações)	EM (3 orações)	DE (2 orações)	A (0)
Fui pro meu avô.	Nóis vai na madrinha passear.	Aí nóis vai lá de fora da escola.	
Aí nóis foi pro recreio.	Ia lá no portão.	Aí meu pai foi do canto.	
Aí depois eu vim pra cá pro Alegre.	Eu vou no banco da frente.		
Vou pra escola.			

Gráfico 12: Uso das preposições pelas crianças.

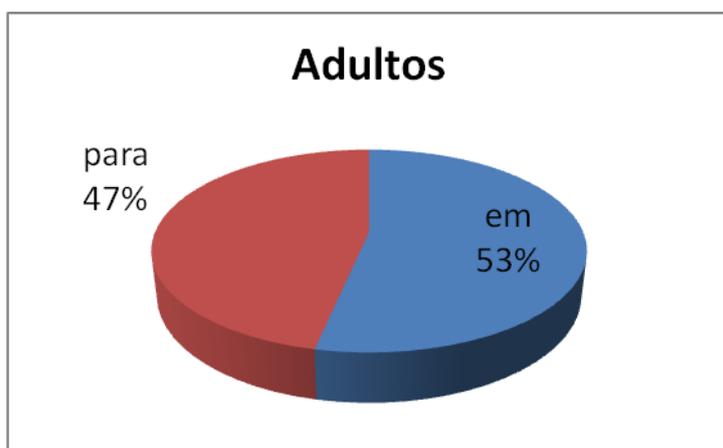


A preposição *de* foi usada apenas nessa faixa etária, o que pode ser explicado pelo menor domínio linguístico dessa faixa etária.

4.2.1.1.2. Adultos.

ADULTOS			
PARA (7 orações)	EM (8 orações)	DE (0)	A (0)
Eles foi pro Coró.	Fui lá no Geraldo.		
Aquele lá vai pro Berlândia agora.	Vô ali no Abacaxi.		
Ele vai pra Uberlândia.	Tem que ir na carreta?		
Eu queria era ir lá pra fazenda.	Fui lá na escola.		
Fui lá pro hotel.	Tem que ir lá na caixa.		
Lembro de ir lá pra pracinha.	Vai lá na minha casa.		
Eu ir lá pro hotel.	Vou lá no hotel.		
	Vou lá na casa da sua mãe.		

Gráfico 13: Uso das preposições pelos adultos.

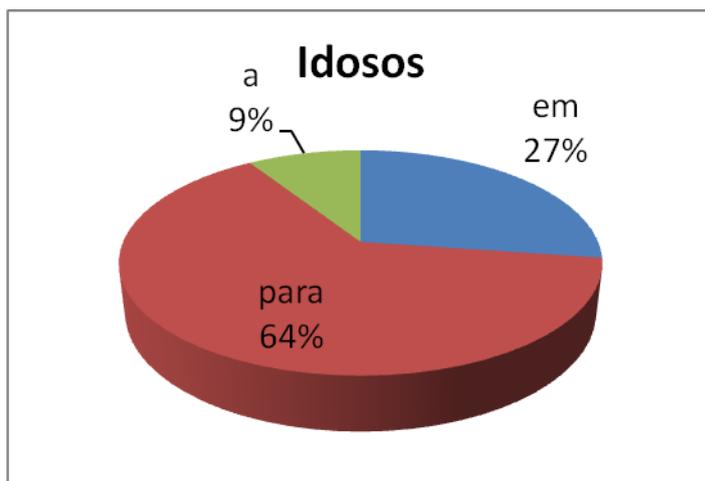


Entre os adultos, as preposições *para* e *em* demonstram uso praticamente idêntico.

4.2.1.1.3. Idosos.

IDOSOS			
PARA (7 orações)	EM (3 orações)	DE (0)	A (1 oração)
Daniel foi lá pra casa.	Fui lá no seu João de noite.		Eu fui à missa.
Ieu vim pra cá pra Alegre.	Ieu vô lá no seu Higinio.		
O povo foi embora pro Berlândia.	Ia levar mantimento lá na bera do rio.		
Us mais veio foi pra lá pro Berblândia.			
Pra ir pra Coromandel.			
O caminhão ia pra Coromandel.			
Quando eu vim pro Alegre.			

Gráfico 14: Uso de preposições pelos idosos.



O pouco uso da preposição *em* na fala dos idosos pode demonstrar como essa preposição se firmou na fala há não muito tempo. Esse fato afirma o que diz Mollica (1996), que constatou que os jovens tendem a usar mais a preposição *em* enquanto as pessoas com mais de 50 anos preferem *a* ou *para*. Os gráficos demonstram um uso mínimo da preposição *a* na pesquisa, ocorrendo apenas uma vez na fala de uma mulher idosa e num contexto específico, oferecendo resposta adequada a uma das perguntas-chave do trabalho sobre o progressivo desaparecimento dessa preposição na língua falada.

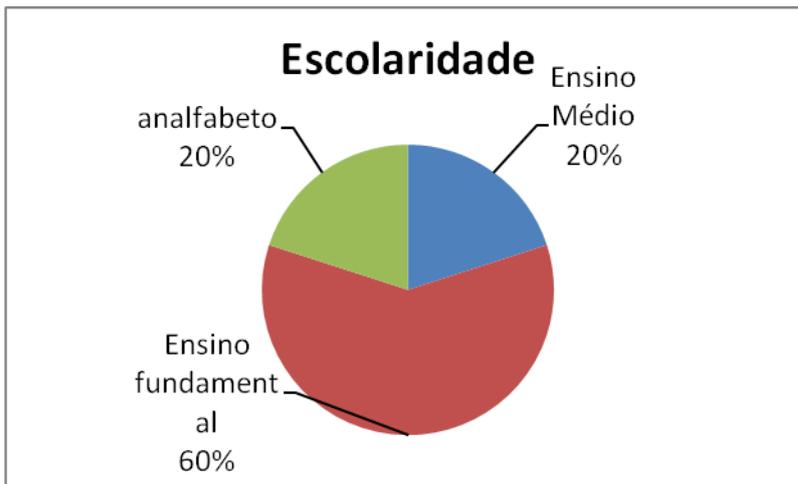
4.2.2. A variável escolaridade.

Quanto à variável escolaridade, conforme dito no capítulo de metodologia, os informantes também podem ser divididos em três grupos ou células: 2 pessoas com ensino médio completo ou incompleto; 6 pessoas com ensino primário e fundamental; 2 pessoas analfabetas ou semi-analfabetas.

Para contemplar esses três grupos constantes da variável escolaridade, apresentam-se, nas linhas que se seguem, tabelas e gráficos que quantificam essa variável em termos precisos dentro do universo dos dados investigados.

Analfabetos	Ensino primário	Ensino médio
Geraldo	José Lucas	Denis
José Marruco	Natália	Clenilce
	Denner	
	Augusto	
	Margarida	
	Dirce	

Gráfico 15: Quantidade de informantes conforme a escolaridade.



Nessa variável o ensino primário mostra-se predominante, devido ao fato de o povoado possuir uma pequena escola destinada a esse nível escolar. O nível médio não está ao alcance da maioria dos habitantes, que trabalham durante todo o dia e não tem condições de se deslocarem até a cidade para as aulas.

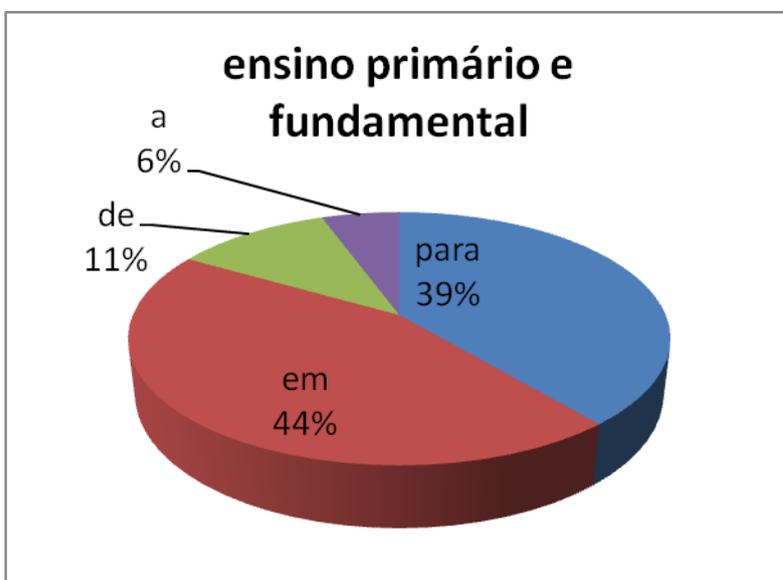
4.2.2.1. Uso das preposições pela variável escolaridade.

4.2.2.1.1 Nível primário e fundamental.

NÍVEL PRIMÁRIO E FUNDAMENTAL			
PARA (7 ORAÇÕES)	EM (8 ORAÇÕES)	DE (2 ORAÇÕES)	A (1 ORAÇÃO)
Fui pro meu avô.	Nóis vai na madrinha	Aí nóis vai lá de fora da	Eu fui à missa.

	passear.	escola.	
Aí nós foi pro recreio.	Ia lá no portão.	Aí meu pai foi do canto.	
Aí depois eu vim pra cá pro Alegre.	Eu vou no banco da frente.		
Vou pra escola.	Vô ali no Abacaxi.		
Ele vai pra Uberlândia	Tem que ir na carreta?		
Eu queria era ir lá pra fazenda.	Fui lá na escola.		
Quando eu vim pro Alegre.	Tem que ir lá na caixa.		
	Vai lá na minha casa.		

Gráfico 16: Uso das preposições por nível primário e fundamental.

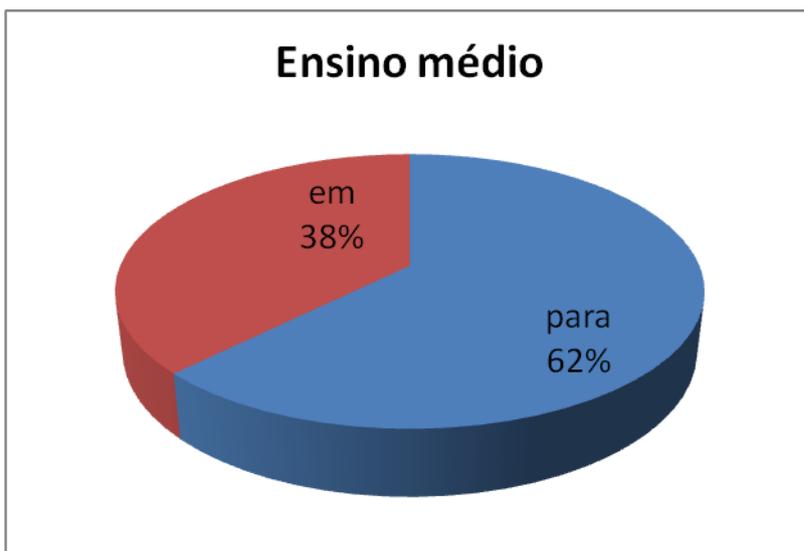


Nesse nível de escolaridade, todas as preposições observadas no trabalho se fazem presentes, por ser o nível mais comum entre todos os participantes.

4.2.2.1.2. Ensino Médio.

ENSINO MÉDIO			
PARA (5 orações)	EM (3 orações)	DE (0)	A (0)
Eles foi pro Coró.	Fui lá no Geraldo.		
Aquele lá vai pro Berlândia.	Vou lá no hotel.		
Fui lá pro hotel.	Vou lá na casa da sua mãe.		
Lembro de ir lá pra pracinha.			
Eu ir lá pro hotel.			

Gráfico 17: Uso das preposições pelo nível de ensino médio.

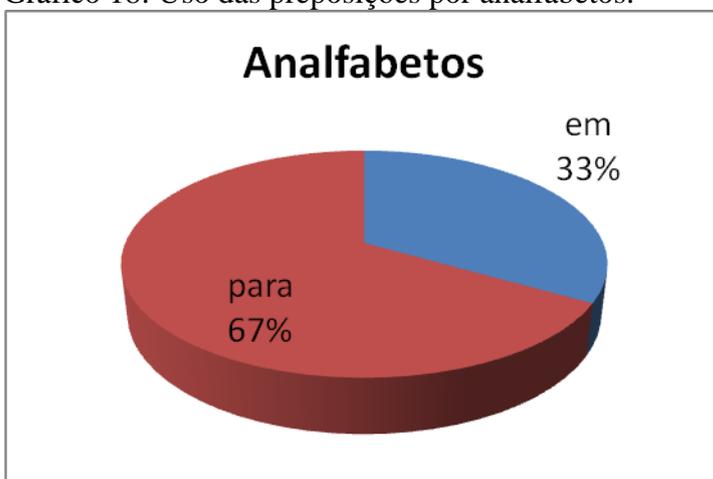


Nessa faixa etária, ocorre um uso levemente superior da preposição *para*, apesar de que a preposição *em* às vezes se confunde com o mesmo uso dado pela preposição *para*, como nas orações: “Vou lá no hotel” e “fui lá pro hotel”.

4.2.2.1.3. Analfabetos.

ANALFABETOS			
PARA (6 orações)	EM (3 orações)	DE (0)	A (0)
Daniel foi lá pra casa.	Fui lá no seu João de noite.		
Ieu vim pra cá pra Alegre.	Ieu vô lá no seu Higino.		
O povo foi embora pro Berlândia.	Ia levar mantimento lá na bera do rio.		
Us mais veio foi pra lá pro Berlândia.			
Pra ir pra Coromandel.			
O caminhão ia pra Coromandel.			

Gráfico 18: Uso das preposições por analfabetos.



Quanto à variável escolaridade, o menor uso da preposição *em* se deu entre os analfabetos, sendo praticamente linear nas falas das demais escolaridades.

4.3 Cruzamento dos dados

Os dados dispostos em tabelas abaixo referem-se à quantidade de orações encaixadas em cada cruzamento de variáveis linguísticas e sociais. Essas tabelas serão apresentadas em seis subitens, partindo-se dos fatores extralinguísticos aos linguísticos.

4.3.1. Crianças

4.3.1.1. Crianças e tempo verbal.

	Passado	Presente	Futuro	Modo infinitivo
Para	3	1	-	-
Em	1	2	-	-
De	1	1	-	-
A	-	-	-	-

Os dados demonstram que o tempo verbal nessa faixa etária não define usos preferenciais de preposição. O tempo futuro não foi verificado nas transcrições, o que pode-se deduzir da necessidade da criança falar daquilo de que tem conhecimento. O modo infinitivo também não foi observado.

4.3.1.2. Crianças e grau de definitude.

	Mais definido	Menos definido
Para	4	-
Em	3	-
De	1	1
A	-	-

É possível observar que as crianças procuram se orientar na fala de forma mais concreta, através de locativos conhecidos.

4.3.1.3. Crianças e configuração do espaço.

	Locativo mais fechado	Locativo menos fechado

Para	2	2
Em	3	-
De	1	1
A	-	-

Quanto às preposições *para* e *de*, o tipo de locativo não interfere no uso pelos dados analisados. A preposição *em* é usada exclusivamente com locativos mais fechados.

4.3.2. Adultos.

4.3.2.1. Adultos e tempo verbal.

	Passado	Presente	Futuro	Modo Infinitivo
Para	2		2	3
Em	2	3	-	2
De	-	-	-	-
A	-	--	-	-

Nos adultos, as preposições *de* e *a* não acusaram nenhuma ocorrência. A preposição *em* não foi utilizada no tempo futuro. O modo infinitivo foi utilizado várias vezes, sem comprovação de preferência de escolha entre as preposições *para* e *em*.

4.3.2.2. Adultos e grau de definitude.

	Mais definido	Menos definido
Para	6	1
Em	8	-
De	-	-
A	-	-

Nas orações observadas, raramente os falantes expressam o locativo sem o artigo definido, podendo esse ser um traço característico de menor capacidade de abstração, apesar de essa faixa etária ser a de maior escolaridade. Todas as ocorrências da preposição *em* estão relacionadas a locativos mais definidos.

4.3.2.3. Adultos e configuração do espaço.

	Locativo mais fechado	Locativo menos fechado
Para	3	4
Em	8	-
De	-	-
A	-	-

A preposição *para* não parece receber influência da configuração do espaço. A preposição *em* ocorre exclusivamente com o locativo mais fechado.

4.3.3. Idosos.

4.3.3.1. Idosos e tempo verbal.

	Passado	Presente	Futuro	Modo Infinitivo
Para	6	-	-	1
Em	2	1	-	
De	-	-	-	-
A	1	--	-	-

Os idosos, conforme afirma Mollica (1996), utilizam menos a preposição *em*. Também é notório perceber que a única amostra da preposição *a* coletada ocorre nessa faixa etária. Praticamente todas as preposições ocorrem no tempo passado, explicado talvez pela maior vivência pessoal desses participantes nesse tempo verbal.

4.3.3.2. Idosos e grau de definitude.

	Mais definido	Menos definido
Para	4	3
Em	3	-
De	-	-
A	1	-

Quanto ao grau de definitude, essa faixa etária é a que demonstrou mais ocorrências de locativos menos definidos, portanto com menos necessidade de conhecimento do locativo.

4.3.3.3. Idosos e configuração de espaço.

	Locativo mais fechado	Locativo menos fechado
Para	1	6

Em	3	-
De	-	-
A	-	1

Assim como o grau de definitude, o locativo menos fechado também é amplamente citado nas transcrições dos idosos, devido às citações a localidades mais distantes.

4.3.4. Nível primário e fundamental.

4.3.4.1. Nível primário e tempo verbal.

	Passado	Presente	Futuro	Modo Infinitivo
Para	4	1	1	1
Em	2	4	-	2
De	1	1	-	-
A		--	-	1

O nível primário, por ter o maior número de entrevistados, possui a maior variedade de preposições. As ocorrências também mostram-se bem divididas, sem maiores observações.

4.3.4.2. Nível primário e grau de definitude.

	Mais definido	Menos definido
Para	6	1
Em	8	-
De	1	1
A	1	-

O grau de definitude mais definido no nível primário demonstra a necessidade de conhecimento do locativo para se falar sobre ele. São 16 ocorrências dessa forma contra apenas 2 de grau menos definido.

4.3.4.3. Nível primário e configuração do espaço.

	Locativo mais fechado	Locativo menos fechado
Para	2	5
Em	8	-
De	1	1
A	-	1

Os dados mostram a preferência da preposição *em* no locativo mais fechado e a preferência da preposição *para* no locativo menos fechado.

4.3.5. Ensino Médio.

4.3.5.1. Ensino Médio e tempo verbal.

	Passado	Presente	Futuro	Modo Infinitivo
Para	2	-	1	2
Em	1	2	-	
De	-	-	-	-
A	-	-	-	-

Os participantes com Ensino Médio utilizam praticamente todos os tempos verbais, sem exemplo da preposição *para* no presente.

4.3.5.2. Ensino Médio e grau de definitude.

	Mais definido	Menos definido
Para	5	-
Em	3	-
De	-	-
A	-	-

Os participantes de maior escolaridade usaram sempre nos dados analisados o artigo definido antes do locativo com as preposições *para* e *em*.

4.3.5.3. Ensino Médio e configuração do espaço.

	Locativo mais fechado	Locativo menos fechado
Para	3	2
Em	3	-
De	-	-
A	-	-

O locativo mais fechado possui estreita relação com a preposição *em*. A preposição *para* é usada indistintamente nos dois tipos de locativo.

4.3.6. Analfabetos e semianalfabetos

4.3.6.1. Analfabetos e tempo verbal.

	Passado	Presente	Futuro	Modo Infinitivo
Para	5	-	-	1
Em	2	1	-	-
De	-	-	-	-
A	-	-	-	-

Contrariando algumas expectativas, a preposição *em* foi 50% menos usada que a preposição *para* nesse nível de escolaridade. Tal constatação pode ser explicada por Geraldo e José Marruco, os dois participantes sem vivência escolar, serem idosos e, conforme o gráfico 14 da análise dos dados demonstra, os idosos têm pouco costume de usar a preposição *em*.

4.3.6.2. Analfabetos e grau de definitude.

	Mais definido	Menos definido
Para	2	4
Em	3	-
De	-	-
A	-	-

Nessa tabela, percebe-se que o uso da preposição *em* entre os analfabetos também está ligada ao grau de definitude mais definido. A preposição *para* recebe a preferência quando há ausência de artigo definido antes do locativo.

4.3.6.3. Analfabetos e configuração do espaço.

	Locativo mais fechado	Locativo menos fechado
Para	1	5
Em	3	-
De	-	-
A	-	-

A preposição *em* ocorre apenas com locativos mais fechados. Os locativos menos fechados são bastante referidos pelos analfabetos utilizando-se a preposição *para*. Essa ocorrência se deve em parte à idade dos participantes, que tem conhecimento maior de outras cidades e regiões, sendo locativos menos fechados.

4.4 Encaixamento e avaliação do fenômeno na comunidade

O verbo de movimento *ir* é um verbo transitivo indireto, isto é, exige um complemento que o liga ao objeto, ao locativo. Esse complemento é desempenhado pelas preposições. Na regência do verbo *ir*, a gramática tradicional aponta o uso normativo das preposições *a* e *para*. No português brasileiro falado, conforme demonstra esse trabalho, a preposição *em* conquista cada vez mais espaço nessa regência, além da ocorrência inusitada da preposição *de*.

O objetivo principal da presente pesquisa é a análise das preposições que acompanham o verbo *ir* de movimento e quais fatores condicionam as suas escolhas. Preposições são palavras invariáveis que ligam dois elementos da oração, subordinando o segundo ao primeiro. Na regência do verbo *ir*, a gramática tradicional aponta o uso normativo das preposições *a* e *para*. No português brasileiro falado, conforme demonstra esse trabalho, a preposição *em*, variante de menor prestígio, conquista cada vez mais espaço nessa regência, além da ocorrência inusitada da preposição *de*.

Na comunidade de Alegre, conforme demonstram os dados levantados, as preposições *para* e *em* acompanhando o verbo *ir* de movimento possuem uso consagrado na língua falada. Os participantes das entrevistas em geral não parecem sequer ter conhecimento da preposição *a* no encaixamento dessa regência. Como as variantes são designadas pelo uso social que se faz delas e o uso social da preposição *a* é praticamente inexistente nessa comunidade, não há o que se falar em estigma. Num conjunto de variantes, a variante estigmatizada é contrária à variante de prestígio. Ela recebe o estigma de ser socialmente desvalorizada, usada pelas camadas mais empobrecidas ou com menor nível de escolaridade.

Por se tratar de uma comunidade homogênea e relativamente isolada, ocorre uma inversão de prestígio. A preposição *em* recebe a preferência de uso, enquanto a preposição *a* caso usada na fala, pode perfeitamente receber estigma. Isso porque certas variantes de fala transformam-se em traços de identidade cultural das pessoas nessa comunidade, a exemplo das pesquisas de Labov (1972).

Na sociolinguística, são chamados de traços graduais as variantes de fala que estão presentes na fala de todos ou quase todos os falantes, como a elevação da vogal /o/ pra /w/ na final de palavras como *negócio*. Os traços descontínuos são restritos a certos grupos sociais e,

muitas vezes, desempenham papel de reconhecimento do falante nesse núcleo social. É o que ocorre na comunidade de Alegre com a interjeição *uai*, tão comum na fala dos mineiros em geral; com a inexistência da flexão verbal acompanhando sujeito no plural; com os elementos do sintagma nominal geralmente recebendo marca de plural apenas no artigo. É nesse traço que se inclui o uso das preposições *em* e *para*, em detrimento da preposição *a*.

V – Considerações Finais

Este estudo procurou analisar o verbo *ir* de movimento, principalmente quanto à regência das preposições que ligam o verbo ao locativo. Vários estudos sociolinguísticos apontam o progressivo desaparecimento da preposição *a* na regência do verbo *ir* de movimento na fala dos brasileiros em geral. Várias motivações históricas, linguísticas, sintáticas e fonológicas são apontadas para explicar o fenômeno. Um dos objetivos centrais do presente trabalho foi observar como a preposição *a* é empregada atualmente na regência do verbo *ir* de movimento na comunidade de Alegre, no interior de Minas Gerais, por se tratar de um povoado geograficamente afastado de grandes centros urbanos, onde algumas características da regência desse verbo poderiam estar preservadas ou até mesmo inovadas.

A análise dos dados responde a uma das questões-chave do trabalho. De todas as transcrições analisadas, a preposição *a* aparece em um único momento na fala de uma mulher idosa e com certo grau de instrução. Margarida diz: “Fui à missa”, quando perguntada sobre o quê havia feito em sua ida à cidade. Devido ao fato de tal ocorrência ter acontecido apenas nesse contexto, debitamo-la ao uso arraigado e tradicional dado à Igreja pelo povo do interior, que se refere a essa instituição cerimoniosamente e com respeito. Tal fato merece posteriormente um estudo mais aprofundado. Tal situação, aparentemente, corrobora uma das grandes motivações dessa pesquisa, que é investigar o processo gradual de extinção da preposição *a* na regência do verbo de movimento *ir* na língua falada.

Além de investigar esse fenômeno, procuramos também analisar as demais preposições *em* e *para* baseados nos estudos de Vieira (2010), Mollica (1996), Vallo (2005) e Wiedemer (2008), que identificaram que o tipo de locativo e o grau de definitude influenciam na escolha da preposição. Locativos mais fechados e referentes conhecidos (com uso de artigos definidos e pronomes) favorecem a preposição *em*, enquanto locativos abertos e referentes menos determinantes favorecem as preposições *a* e *para*. O presente trabalho corrobora em partes essa afirmação. Além do uso quase nulo da preposição *a*, o que pode ser comprovado pelos dados é que a preposição *para* pode ocorrer em qualquer situação semântica do locativo. Nesse quesito, uma das maiores constatações da atual pesquisa foi quanto à análise da preposição *em*. De acordo com os dados, o uso dessa preposição obedece, em 100% das transcrições, à combinação de referente mais definido e locativo mais fechado, confirmando, peremptoriamente, a afirmação de Mollica.

Dentre os fatores inesperados constantes dos dados, surge o uso da preposição *de* na regência do verbo *ir*, em duas ocasiões. Por constarem apenas na fala das crianças, o menor

domínio linguístico dessa faixa etária pode explicar esse uso atípico. Outra característica observada foi a ausência de preposição em duas orações pronunciadas por uma mulher adulta, com ensino médio completo. Clenilce diz: “Fui sábado e domingo” e “Fui os dia tudo”. Tal fenômeno, provavelmente, deve-se ao verbo *ir* não estar se remetendo ao espaço, mas sim ao tempo.

Na análise dos tempos verbais do verbo *ir*, dois fatos merecem atenção. A preposição *para* ocorre em qualquer tempo verbal. Em todas as transcrições feitas no tempo futuro foi usada a preposição *para*. Apesar de a preposição *para* possuir a grande preferência de todos os entrevistados, no tempo presente seu uso cai consideravelmente. De oito orações usadas nesse tempo verbal, apenas uma foi usada com *para*, enquanto em seis foi empregada a preposição *em*. Tal fato necessita de estudos mais aprofundados, mas o uso dominante da preposição *em* no tempo presente parece obedecer a fatores semânticos. A preposição *em* foi sempre usada quando o locativo era conhecido do falante, em espaços bem definidos. O mesmo pode acontecer quanto ao tempo verbal, pois o tempo presente é o tempo mais próximo, o tempo mais definido para o entrevistado.

Apesar de a análise focar o uso de preposições, ela levantou outro dado linguístico evidente em 50% das orações analisadas: o uso de advérbio de lugar (lá, cá) entre o verbo e a preposição, também ocorrendo em duas ocasiões antes do verbo. Vieira (2010) levanta a suposição de que a existência ou não de elemento interveniente entre o verbo e a preposição poderia condicionar a escolha dessa preposição. Ela parte da hipótese de que a ausência de elemento interveniente favoreceria o uso da preposição *a/para*, enquanto a presença de elementos intervenientes favoreceria o uso da preposição *em*. Nossas transcrições corroboram tal hipótese, pois os dados mostram que em 11 aplicações do advérbio se usou a preposição *em*, enquanto em seis foi usado *para* e em uma, *de*. O uso do advérbio de lugar junto ao verbo de movimento parece obedecer a razões semânticas, no sentido de dar maior contorno ao destino. Não foi possível testar as motivações de tal uso no presente trabalho.

Quanto às duas variáveis extralinguísticas sociais que a presente pesquisa propôs a analisar, a variável idade expôs dados relevantes. Na faixa etária dos adultos, a preposição *em* foi a mais usada. Na fala das crianças, a preposição *para* foi a preferida. Os idosos fazem uso massivo da preposição *para*: 70%, contra apenas 30% de uso da preposição *em* e 10% da preposição *a*. Esses dados confirmam o que diz Labov (apud Monteiro, 2002) sobre a fala dos idosos continuar sendo a mesma de décadas atrás. Também corrobora a afirmação de Naro (2003), de que crianças e idosos possuem um relaxamento linguístico maior, pois nos adultos

as pressões de aceitação social e do mercado de trabalho facilitam as novas variantes da língua falada.

A hipótese da escolaridade defendida por Mollica não se confirma nos dados levantados. O menor uso da preposição *em* se deu entre os analfabetos, sendo praticamente linear nas falas das demais escolaridades. Essa variável necessitaria de mais dados para se construir uma análise conclusiva. Aliás, nesse ponto, vale a pena acrescentar que, neste estudo, alguns aspectos que compõem o fenômeno de variação em foco deixaram de ser, aqui, incluídos. Dentre esses, destaca-se que o planejamento inicial propunha-se a estudar também o verbo *vir*, contudo qualquer inferência sobre a sua regência não poderia ser afirmada, estatisticamente, devido ao pouco material colhido a respeito desse verbo. Esse aspecto precisou, então, ser abandonado em favor da continuidade natural da proposição inicial. Por isso, em linhas finais, ressalta-se a importância do aprofundamento e extensão deste estudo em trabalhos futuros.

VI - Bibliografia

BAGNO, M. *Dramática da língua portuguesa*. 2000. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

Bagno, M, *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística* – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemo na escola: e agora?* São Paulo. Parábola, 2005.

CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo. Editora Contexto. 2010.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. 32ª edição. São Paulo: Companhia editora nacional, 1989.

CUNHA, C.F. da e CINTRA, L.F.L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARIAS, J. G. *Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas*. Letras de Hoje. Porto Alegre. 2006.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. *Principies of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwell, 1994.

MOLICA, M.C. *A regência variável do verbo ir de movimento*. In: Oliveira, G.M & Scherre, M. M. *Padrões sociolinguísticos: a análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1998.

MOLICA, M.C. *A influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo ir de movimento*. In: Oliveira, G.M & Scherre, M. M. *Padrões sociolinguísticos: a análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1998.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Paiva, M. C. de & Scherre, M. M. P. (1999) *Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. D.E. L.T.A., Especial: 201-232*.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1994.

VIEIRA, M. J. *A influência dos fatores sociais na regência do verbo ir*. Ano: 2010. In: < <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/273/186> >. Acesso em: 30/10/2013.

VALLO, M. A. G. do. *A regência do verbo ir de movimento na perspectiva variacionista*. In: HORA, D. da (org.) *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Editora Pallotti, 2005.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, 2008.